



## **Divulgação Científica e Alcance Social na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2011<sup>1</sup>**

Antonio Henrique Silva NEGRUNY<sup>2</sup>

Géshica Rodrigues BERNARDO<sup>3</sup>

Lairtes Chaves RODRIGUES FILHO<sup>4</sup>

Greicy Mara FRANÇA<sup>5</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS.

### **Resumo**

Dentre as ações de popularização da ciência previstas na Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, a mais importante é a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia que acontece desde 2004. Sua última edição alcançou cerca de 12% das cidades do Brasil e 22% das cidades de Mato Grosso do Sul. Este trabalho busca evidenciar o alcance ou exclusão social na ação que fomenta nos aspectos teórico-práticos a universalização do acesso e da informação científica, como instrumento promotor de políticas eficazes de C,T&I. Foram comparadas os dados dos municípios participantes e atividades da SNCT desde sua criação, bem como a repercussão em termos de notícias nos principais sites de MS na edição de 2011. Por fim, vê-se a necessidade da ampliação e fortalecimento das ações de divulgação científica como uma forma de democratizar o acesso a informação e ao conhecimento.

### **Palavras-chave**

Comunicação; Ciência, Tecnologia e Informação; Popularização da ciência;

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Jr, GT 6 – Interfaces Comunicacionais, do Congresso de Ciências da Comunicação da Região Centro-Oeste.

<sup>2</sup> Bolsista de Extensão (PREAE/UFMS). Membro do Grupo de Pesquisa Mídias Ambientais e Divulgação Científica (CNPq) e do grupo de pesquisa em Comunicação, Ciência e Tecnologia do Núcleo de Jornalismo Científico da UFMS. Graduando em Comunicação Social – Hab. Em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

<sup>3</sup> Licenciada em Letras – Hab. Português/Inglês e respectivas literaturas. Membro do Grupo de Pesquisa Mídias Ambientais e Divulgação Científica (CNPq) e do grupo de pesquisa em Comunicação, Ciência e Tecnologia do Núcleo de Jornalismo Científico da UFMS. Graduanda em Comunicação Social – Hab. Em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

<sup>4</sup> Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Coordenador do grupo de pesquisa em Comunicação, Ciência e Tecnologia do Núcleo de Jornalismo Científico da UFMS. Membro do Grupo de Pesquisa Mídias Ambientais e Divulgação Científica (CNPq). Graduando em Comunicação Social – Hab. Em Jornalismo da Universidade Federal do Sul.

<sup>5</sup> Doutora em Comunicação Social (UMESP) é professora adjunta do curso de Comunicação Social – Hab. Em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Líder do Grupo de Pesquisa Mídias Ambientais e Divulgação Científica (CNPq) e Coordenadora Geral do Núcleo de Jornalismo Científico da UFMS.



## Divulgação Científica e Sociedade

Historicamente o processo de difusão da ciência para o público é tão antiga quanto a própria ciência (MOREIRA, 2006), e pode ser dividido em três partes diferenciadas. No século XVII Galileu exerceu um trabalho intenso de divulgação de física, astronomia e métodos de experimentar, inclusive com exposições públicas de sua pesquisa.

No século XVIII, as maravilhas da ciência foram exibidas ora como provas da existência de Deus, ora como meio para difundir os conhecimentos necessários ao progresso e à afirmação da razão; a ciência se tornou primeiro uma fonte de interesse e de diversão para a aristocracia e posteriormente, com o Iluminismo, foi elevada à categoria de importante instrumento político. No século XIX, com a Revolução Industrial, a ciência adquiriu um caráter econômico e político mais explícito ao se tornar símbolo e instrumento para o progresso e para a liberação social. (MOREIRA, Op. Cit.)

Menezes (2011), estudando a obra de Moreira expõe que a partir do século XX, existe uma mudança geral no pensamento acerca da divulgação da ciência, considerando a aliança do desenvolvimento científico com o desenvolvimento econômico, e a divulgação das políticas de desenvolvimento científico como elemento de propaganda política e formação de opinião, de onde “surgiu também o marketing institucional, a profissionalização de divulgadores da ciência e uma inserção grande nos meios de comunicação de massa”.

As motivações de hoje para a popularização da CT ocupam todo um espectro: elas vão da prosperidade nacional ao reconhecimento do conhecimento científico como parte integrante da cultura humana, passando pelo seu significado para o exercício da cidadania (na avaliação de riscos e nas escolhas políticas), por razões de desempenho econômico e pelas questões de decisão pessoal (como aquelas referentes à saúde individual). Um outro papel, de caráter mais interno, surgiu no horizonte da divulgação científica neste século, em virtude da extrema especialização nos campos científicos: é necessário divulgar a ciência entre os próprios cientistas e técnicos. (Op.Cit.)

Sarita Albagli, dispõe sobre a evolução do conhecimento científico no país e de maneira geral no mundo, tratando os aspectos desenvolvimentistas da popularização



da ciência como elemento integrante e indispensável da ação e formação da cidadania, e lista como motivações para o crescimento sistemático da divulgação científica especializada diversos elementos sócio-políticos. Para a autora

- o crescimento significativo da produção científica recente;
- a necessidade de maior controle social dos impactos da ciência e tecnologia na vida cotidiana e a necessidade de orientá-las para dar solução aos problemas básicos da humanidade;
- a crescente complexidade da ciência e tecnologia e a necessidade de traduzi-las para não-especialistas, sejam eles tomadores de decisão (legisladores, burocratas e outros), seja o público em geral (esse aspecto tem grande importância para os países tecnologicamente menos desenvolvidos, em função da origem externa de boa parte da ciência e tecnologia neles praticada, o que demanda adaptação às condições locais);
- a demanda por processos decisórios mais abertos e democráticos na aplicação da ciência e tecnologia a problemas sociais;
- o crescente *gap* [grifo do autor] de conhecimento científico e tecnológico, entre o Norte e o Sul, e a necessidade de promover um maior fluxo informacional entre esses grupos de países (ALBAGLI, 1996)

Apesar dos incentivos e das motivações no desenvolvimento da divulgação científica e da popularização da ciência, outros fatores habitam a formação contextual da matriz que forma o pensamento jornalístico de ciência e tecnologia.

Isaac Epstein (2007), importante pesquisador da área de comunicação, ciência e saúde, ressalta as dificuldades que a comunicação de ciência encontra no desempenho de suas funções na sociedade, dentre elas, “a ignorância e desinteresse das pessoas por assuntos científicos, a desconfiança entre cientistas e jornalistas”. Ildeu Moreira (2007) concorda com as afirmações de Epstein, abordando as dificuldades da divulgação científica como elementos que dificultam necessariamente a inclusão social.

Ao “analfabetismo científico” – aliás, uma expressão pouco adequada – do público pode ser contraposta, em muitos casos, uma ignorância da instituição científica em relação aos aspectos sociais da relação com o público e aos condicionantes da ciência. (...) O aprimoramento da cultura científica não implica que ocorra uma linha de mão única na transmissão do conhecimento: do virtuoso científico ao leigo iniciado. Algumas novas iniciativas têm insistido na importância de se proceder a uma ação de comunicação que leve em conta a real complexidade do processo. (MOREIRA, Op. Cit.)

Com as primeiras teses e trabalhos acadêmicos na área do jornalismo e da divulgação científica na década de oitenta, há uma expansão significativa de ações relacionadas à divulgação científica no Brasil: criação de centros e museus de ciência;



surgimento de revistas e websites; maior cobertura de jornais sobre temas de ciência, em especial aqueles ligados à genética moderna e seus impactos; publicação crescente de livros; organização de conferências populares e outros eventos que despertam interesse em audiências diversificadas por todo o país. Mas o quadro se mostra ainda frágil e limitado com amplas parcelas da população brasileira sem acesso à educação científica e à informação qualificada sobre CT&I. Como um reflexo da desigualdade na distribuição da riqueza, dos recursos em CT&I e dos bens educacionais, os museus de ciência estão fortemente concentrados em poucas regiões do país.

Moreira (2009) oferece em seu trabalho um quadro de diagnóstico sobre a popularização da ciência em seus aspectos educacionais e midiáticos:

Do lado da mídia, a cobertura sobre CT nos meios de comunicação é no geral deficiente e freqüentemente de qualidade inferior. Na mídia impressa e televisiva, a ciência é apresentada usualmente como um empreendimento espetacular, no qual as descobertas científicas são episódicas e realizadas por indivíduos particularmente dotados. As aplicações reais ou imaginadas da ciência recebem grande ênfase, mas o processo de sua produção, seu contexto, suas limitações e incertezas são usualmente ignorados e predominam modelos conceituais simplificados sobre a relação ciência e público, como o ‘modelo de déficit’. Quanto à educação científica formal, o quadro se apresenta sombrio, com o desempenho em geral muito baixo dos estudantes brasileiros nos assuntos que envolvem ciências e matemáticas. O ensino de ciências é, em geral, pobre de recursos, desestimulante e desatualizado. Curiosidade, experimentação e criatividade geralmente não são valorizadas. Ao lado da carência enorme de professores de ciências, em especial professores com boa formação, predominam condições de trabalho precárias e pouco estímulo ao aperfeiçoamento. As deficiências graves em laboratórios, bibliotecas, material didático, inclusão digital e outras só fazem tornar mais difícil o quadro. Se nosso ensino médio sofreu expansão acelerada nos últimos anos, ainda assim uma parcela muito pequena de brasileiros conclui esta etapa.

A importância de popularizar a ciência em termos gerais configura estabelecer ações que incentivem a divulgação e produção do conhecimento enquanto agente de mudança da realidade e contexto das pessoas pela ação da ciência.

Dessa maneira a popularização da ciência compreende uma área de estudo e atuação muito maior que o jornalismo científico e a disseminação científica nos aspectos de divulgação, considerando seu caráter universal e político de gerenciar e promover o conhecimento para todas as pessoas, independentemente do nível de instrução, vista a ciência como instrumento de direito e cidadania.



Albagli diferenciou em seu trabalho os termos mais utilizados e comumente aceito dentre os teóricos e pesquisadores, dos quais as definições se baseiam em Wilson Bueno e Graça Caldas, ambos brasileiros, argumentando as diferenças conceituais entre a divulgação científica, a difusão científica e a comunicação da ciência e tecnologia.

Popularização da ciência ou **divulgação científica** (termo mais freqüentemente utilizado na literatura) pode ser definida como "o uso de processos e recursos técnicos para a comunicação da informação científica e tecnológica ao público em geral". Nesse sentido, divulgação supõe a tradução de uma linguagem especializada para uma leiga, visando a atingir um público mais amplo. [...] **Difusão científica** refere-se a "todo e qualquer processo usado para a comunicação da informação científica e tecnológica". Ou seja, a difusão científica pode ser orientada tanto para especialistas (neste caso, é sinônimo de disseminação científica), quanto para o público leigo em geral (aqui tem o mesmo significado de divulgação). Já **comunicação da ciência e tecnologia** significa "comunicação de informação científica e tecnológica, transcrita em códigos especializados, para um público seletivo formado de especialistas" [grifos do autor] (Op. Cit.)

O que a autora, citando Bueno, define como 'comunicação da ciência e tecnologia' também é chamada de disseminação científica, considerando a informação homogênea, em código e linguagem específicos para cientistas. Trata-se do intercâmbio de conhecimentos entre científicos.

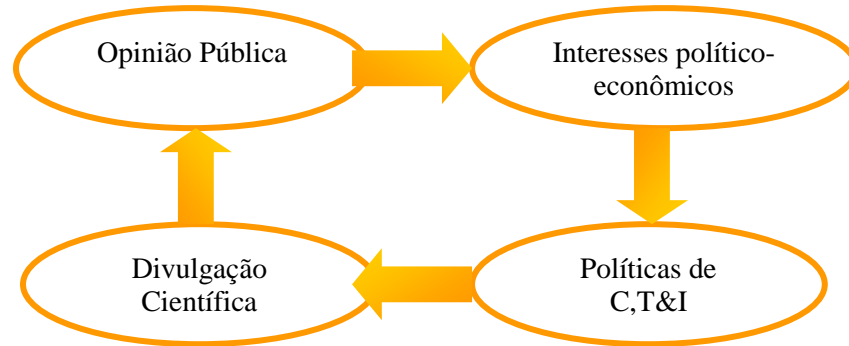
Zamboni (2001), também baseia-se em Bueno para tratar conceitualmente dos termos dos estudos na área da divulgação afirmando que há uma subdivisão na disseminação científica, que pode ser intrapares (informações científicas ou tecnológicas entre especialistas de uma área ou afins) ou extrapares (para especialistas que se situam fora da área-objeto de estudo).

Compreendemos assim a diferenciação conceitual entendendo a divulgação científica ou popularização da ciência como a grande área de estudo, e de ação, para o desenvolvimento da ciência e do conhecimento da ciência em todos os estratos sociais, independentemente do código, abrangendo todas as ações em museus, pesquisas, artigos, eventos científicos, editais de financiamento, revistas e mídia especializada ou não, e, a formação científica da pessoa seja na educação formal ou na construção do conhecimento informal.

Segundo Menezes (2011), "o estudo da universalização da informação científica como formador do conhecimento e dos estados de consciência do conhecimento são

fundamentais para a prática da pesquisa e da prática jornalística”, mas não apenas isto. Sua importância dá-se no ciclo Público-Políticas de Ciência-Políticos, que representa a totalidade mais simples da complexa relação entre o fomento a pesquisa e à ciência, e a formação da opinião.

*Figura 1. Ciclo de relacionamento entre divulgação e políticas de ciência*



A divulgação científica surge como instrumento de construção da opinião pública em relação aos avanços científicos e tecnológicos da sociedade. À medida que o público interage e compreende os efeitos da presença/ausência de investimentos em patentes e pesquisas para sua organização social, cria uma demanda de interesse eleitoral e portanto político no campo, que por sua vez, culmina na formulação de políticas e estratégias não apenas de investimento e crescimento, mas ampliação do contato e do acesso a informação científica, a fim de reforçar a opinião pública e renovar o ciclo, melhorando as condições da própria política e de cada parte do ciclo.

Quanto a isso Moreira (2009) destaca:

As profundas desigualdades na distribuição das oportunidades educacionais e do conhecimento são ainda desafios grandes para a inclusão social em nosso país. A incorporação de grandes parcelas marginalizadas da população é uma tarefa importante, cuja chance de êxito dependerá do estabelecimento de um processo coletivo suficientemente amplo, que envolva órgãos governamentais, instituições de pesquisa, universidades, entidades científicas e tecnológicas, cientistas, comunicadores, pesquisadores, professores e estudantes. No entanto, não devemos nos esquecer que a ciência, por si mesma, não resolve os graves problemas de desigualdades sociais, de desemprego, de degradação ambiental, para não falar de problemas éticos. Mais ciência e tecnologia não significa necessariamente mais justiça, maior igualdade e melhores condições de vida, particularmente no Terceiro Mundo.



## **A atual estratégia de Ciência, Tecnologia e Inovação**

A Estratégia Nacional de C,T&I (2012-2015) pretende usar a divulgação científica para promover o desenvolvimento da ciência no Brasil de diversas maneiras, como a expansão de feiras e olimpíadas do conhecimento, o fortalecimento da Semana Nacional de Divulgação Científica e o uso de meios de comunicação para a promoção da C,&T.

As ações de divulgação são direcionadas a toda população, principalmente jovens, visando o aumento do conhecimento científico e o interesse pela ciência e tecnologia além da formação de profissionais qualificados desenvolvendo de forma permanente a cidadania o aumento da qualificação científico-tecnológica da sociedade.

Na Estratégia Nacional de C,T&I<sup>6</sup> de 2007, umas das metas era alcançar até 2010 – por meio da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, 700 municípios, no entanto, na divulgação de resultados em 2010<sup>7</sup> o número alcançado em 2009 foi de 472 municípios envolvidos, segundo o resultado

O aumento significativo do número de atividades não foi acompanhado, entretanto, pelo número de municípios participantes, uma vez que cresceu somente 6% em 2009, quando comparado ao ano de 2008. Tal constatação indica que a Semana de C&T está consolidada nos municípios que a vêm realizando, dado o expressivo aumento do número de atividades em 2009, o qual superou a taxa média anual de crescimento de cerca de 20% nos últimos três anos. (ENCTI, 2012)

A Semana Nacional de Ciência Tecnologia atendeu em 2009 apenas 8,48% dos municípios do país.

### **Uma Semana para a Ciência**

A principal estratégia no que refere-se à popularização da ciência da atual Estratégia de Ciência, Tecnologia e Inovação trata-se de uma semana anual especialmente voltada para a divulgação científica,

A Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) iniciou-se em 2004, e acontece desde então para mobilizar a população com temas vinculados a C&T. O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – MCT, coordena toda essa estrutura, e conta com a colaboração e participação das Instituições de pesquisa e ensino regionais e

---

<sup>6</sup> Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional 2007-2010 Plano de Ação

<sup>7</sup> Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação 2007-2010 Principais resultados e avanços



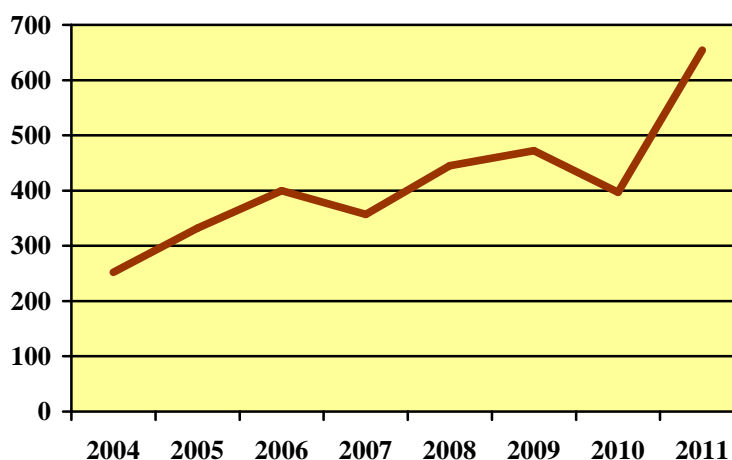
locais ligadas a C&T e dos Governos estaduais e municipais, com a finalidade de contribuir na organização do evento.

*Tabela 1. Números Nacionais das SNCT a partir de 2004*

ANOS	Nº. DE MUNICÍPIOS PARTICIPANTES	Nº. INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES	Nº. DE ATIVIDADES REALIZADAS
2004	252	257	1.848
2005	332	844	6.701
2006	400	1.014	8.654
2007	357	672	9048
2008	445	755	10.859
2009	472	716	24.970
2010	397	739	13.945
2011	654	833	16110
<b>TOTAL</b>	<b>3.923</b>	<b>5.216</b>	<b>92.135</b>

De acordo com a tabela acima, notamos ano após ano o aumento dos municípios envolvidos, instituições de ensino e pesquisa e atividades.

*Gráfico 1. Evolução de municípios participantes da SNCT no Brasil*



A SNCT 2011 em Mato Grosso do Sul ocorreu entre 17 a 23 de outubro (mesma data da programação em todo o país), voltada para o tema “Mudanças climáticas, desastres naturais e prevenção de risco”.

O evento foi realizado pelo Governo de Estado, por intermédio da Secretaria de Meio Ambiente, do Planejamento, da Ciência e Tecnologia (Semac), juntamente com a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia de MS (Fundect). Proporcionou o envolvimento de Universidades e Escolas (públicas e





privadas), Salas Verdes, Pontos de Culturas, Bibliotecas, Embrapa e várias outras instituições que se mostraram interessadas e parceiras.

Mato Grosso do Sul, recebeu a SNCT 2011 em dezessete cidades, envolvendo 56 Instituições do Estado que contribuiu para o sucesso, foram 235 eventos diferentes durante os sete dias de programação.

As atividades foram voltadas para a difusão da ciência, dando ênfase à preservação ambiental, ao impacto das mudanças climáticas e aos desastres naturais. Foram realizadas palestras, oficinas, concursos, feiras científicas, apresentações de filmes e vídeos científicos, distribuições de cartilhas e livros e outros artefatos ligado ao tema.

*Tabela 2. Municípios que participaram da SNCT 2011*

MATO GROSSO DO SUL		
MUNICÍPIO	Nº. DE EVENTOS	Nº. DE INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS
AQUIDAUANA	34	2
BATAGUASSU	3	1
BONITO	11	1
CAMPO GRANDE	54	1
CASSILÂNDIA	5	1
CHAPADÃO DO SUL	16	2
CORUMBÁ	15	1
COXIM	11	1
DOURADOS	11	2
ITAQUIRAÍ	4	1
IVINHEMA	4	1
MUNDO NOVO	11	2
NAVIRAÍ	6	1
NOVA ANDRADINA	11	1
PARANAÍBA	11	1
PONTA PORÃ	11	1
TRÊS LAGOAS	17	2
<b>TOTAL</b>	<b>235</b>	<b>22</b>

Os 17 municípios de Mato Grosso do Sul participantes desenvolveram 235 atividades. Considerando que o estado possui 78 municípios, nota-se que há a participação de apenas 21,79% das cidades. Se Mato Grosso do Sul tem uma população de 2.449.024, e os municípios supracitados perfazem uma população de 1.614.210, neste sentido temos um déficit de 34,09% da população, cerca de 835.030 pessoas que não tiveram contato direto ou participaram da SNCT 2011.



Verifica-se que a quantidade de população excluída, apesar de menor é bastante significativa. São 835.030 pessoas que sofreram um processo de exclusão, tendo somente acesso as informações da SNCT através das mídias.

A informação jornalística foi fundamental para a cobertura do evento, porém no objetivo de atingir e promover o conhecimento científico e tecnológico, insuficiente.

Na SNCT 2011 de acordo o site oficial da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia<sup>8</sup> foram realizadas 16.110 atividades cadastradas. Participaram 654 cidades brasileiras e 833 instituições ligadas a ciência e tecnologia.

*Tabela 3. Número de municípios participantes por estado*

BRASIL			
ESTADOS	Nº. DE CIDADES COM EVENTOS	Nº. DE EVENTOS NO ESTADO	Nº. DE INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS
ACRE	11	96	17
ALAGOAS	7	215	3
AMAPÁ	2	13	4
AMAZONAS	62	2.209	55
BAHIA	11	257	21
CEARÁ	32	1.023	77
DISTRITO FEDERAL	1	667	42
ESPÍRITO SANTO	9	107	11
GOIAS	26	425	42
MARANHÃO	17	1.112	25
MATO GROSSO	1	5	1
MATO GROSSO DO SUL	17	235	6
MINAS GERAIS	89	1.422	134
PARANÁ	14	125	11
PARAÍBA	17	618	24
PARÁ	11	43	5
PERNAMBUCO	36	1.373	62
PIAUÍ	65	205	11
RIO DE JANEIRO	35	1.903	114
RIO GRANDE DO NORTE	62	182	4
RIO GRANDE DO SUL	32	249	41
RONDÔNIA	32	2.418	15
RORAIMA	5	85	1
SANTA CATARINA	8	97	14
SERGIPE	10	103	11
SÃO PAULO	37	725	77
TOCANTINS	5	198	5
<b>TOTAL</b>	<b>654</b>	<b>16110</b>	<b>833</b>

Os 26 estados do Brasil mais o Distrito Federal participaram da SNCT 2011, desenvolvendo as atividades. Mesmo assim, verificamos que apenas 654 municípios realizaram o evento, sabendo-se que no país existem um total de 5.565. Nota-se que

<sup>8</sup> <http://semanact.mct.gov.br>

apenas 11,75% das cidades brasileiras receberam o evento. São 5.111 municípios que não participaram da Semana.

### A prática da estratégia e da divulgação

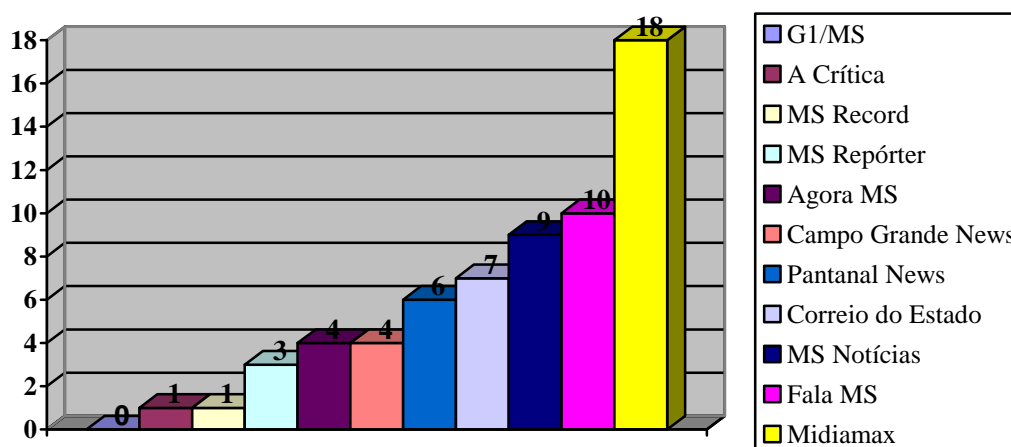
Apesar dos esforços e do avanço no alcance de municípios e logo, de pessoas alcançadas pela Estratégia por meio das SNCT, é evidente o índice majoritariamente excludente da ação. Menos de 12% dos municípios realizaram ou receberam ações de popularização no período.

Outra leitura pode ser feita, no entanto, no que se refere à informação científica. Se todos os estados participaram (ao menos incluindo suas cidades mais populosas), espera-se que as informações sobre o evento foram difundidas na mídia regional.

Em Mato Grosso do Sul, para mensurar tal influência, decidiu-se no âmbito desta pesquisa monitorar os principais sites de notícias, priorizando aqueles que mais são replicados no interior ou que possuem maior audiência.

Foram analisados 11 sites, escolhidos por sua importância, audiência e representação de *hype*, totalizando 63 notícias., publicadas no período de realização da Semana Nacional, de 17 a 23 de outubro de 2011.

Gráfico 2. Quantidade de matérias publicadas durante sobre a SNCT em seu período de realização em 2011

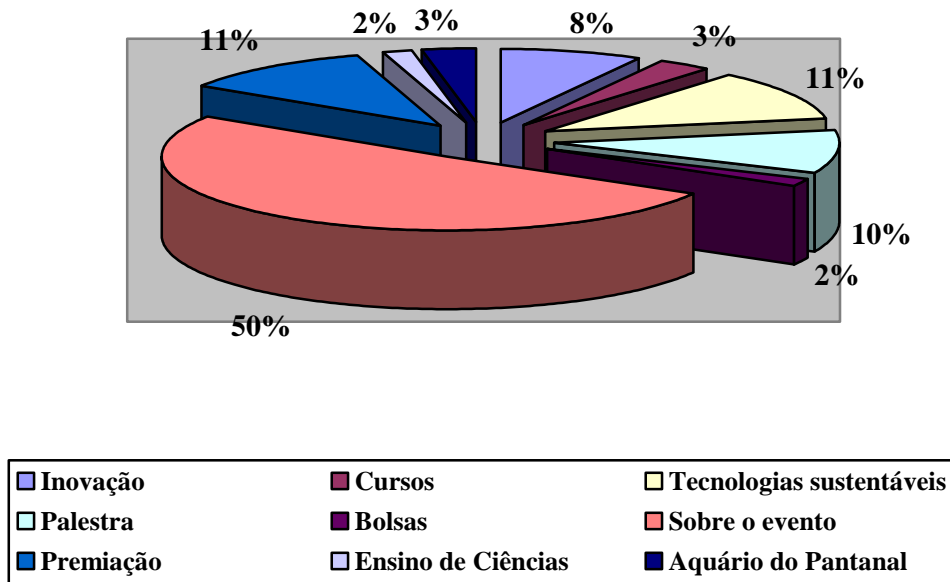


Os sites Midiamax (18), Fala MS (10), MS Notícias (9) e Correio do Estado (7), foram os principais veículos web de divulgação de informações acerca do evento e sua

programação. Juntos foram responsáveis por 69,8% de todas as informações veiculadas na Internet sobre o assunto, dentre os sites analisados.

Apesar da divulgação considerável, a pergunta anexa ao contexto trabalha a deficiência do contato com a ação da política de C,T&I pelo quantitativo de municípios excluídos (Cerca de 90% do país): A informação publicada pela imprensa de web, teoricamente jornalismo científico, é suficientemente capaz de suprir essa deficiência? As pautas abordadas colaboram significativamente para a inclusão e alcance populacional das ações de popularização?

Gráfico 2. Matérias por assuntos gerais (%)



A distribuição de matérias por assunto permite compreender que apesar da divulgação considerável (63 matérias) no período, metade tratou apenas da realização da Semana Nacional como um elemento isolado, como um evento anual ao invés de uma política. Os temas ou eram institucionais do evento (Onde e Quando acontece) ou a ações dentro da Semana que pouco contribuiriam para a inclusão informativa e contato com a ciência pelo jornalismo científico, da população das cidades que não receberam a SNCT em 2011.

A fim de ter alguma ideia sobre a linguagem e os termos mais utilizados nas matérias relacionadas, foram tabeladas palavras-chave dentro das matérias – palavras estas que resumiriam o assunto geral da notícia.

*Tabela 4. Elementos de repetição nas matérias*

Palavras-chave e elementos de repetição		
Mato Grosso do Sul	Inventores	Universidade
Inovações tecnológicas	Mostra de Inovação	Ensino de Ciências
Semana de Ciência e Tecnologia	Projetos	UFMS
Semana Nacional de Ciência e Tecnologia	Inscrição	Parceria
	SENAI	SUCITEC

A análise permitiu identificar dentre os elementos de repetição no corpus do texto, idéias gerais que identificam os aspectos que cadenciavam e fizeram “gancho” jornalístico para o interesse do veículo na divulgação.

Todas as matérias apresentavam elementos de repetição em siglas de instituições como UFMS, SUCITEC (Superintendência...), SENAI; ou ainda traziam no texto informações sempre vinculadas a Universidades ou a projetos.

A vinculação do evento como uma ação institucional impossibilitou o contato das audiências com a ciência que se objetivava vivenciar e expor durante o evento, ao menos no que se situam os municípios não alcançados.

### **Considerações Finais**

A Semana Nacional de Ciência e Tecnologia enquanto instrumento de divulgação científica tem a seu modo, progressivamente ganhado não apenas corpo e parceiros, mas também a atenção dos *media* em sua divulgação.

A partir daí, surgem duas problemáticas. Num primeiro momento, a centralização do programa em determinados municípios tem excluído a população no entorno ou mais distantes das instituições de pesquisa. A institucionalização da ação é visível inclusive nas matérias publicadas.

Ao tentar construir uma imagem enquanto evento, a ação de popularização acaba restringindo a possibilidade de informações difundidas. A não participação da maioria dos municípios, que poderia ser resolvida ou amenizada pela continuidade da



divulgação pelos veículos de jornalismo, acaba sendo acentuada pela publicação de notícias que apenas confirmam a exclusão do processo da população não alcançada.

Por outro lado, a articulação do processo de popularização neste sentido, remete a falha também do jornalismo científico praticado pelos veículos *web* no estado, que se limitam a divulgar um evento ao invés de aproveitar a infinidade de pautas que nele estão presentes. Não há jornalismo científico se o jornalista faz da informação científica, que formaria conhecimento e incluiria socialmente, apenas um registro de calendário, falando superficialmente sobre datas e instituições ao invés da interação pesquisa-sociedade.

Apesar das falhas no processo comunicacional, também há o mérito indiscutível da Estratégia, em incluir a divulgação científica e a Semana como elementos permanentes.

O fortalecimento das ações de popularização da ciência com o combate ou a minimização dos efeitos excludentes, possibilitam à opinião pública, recursos necessários para incorporar em seus interesses, os tópicos necessários para o desenvolvimento de sua sociedade e a responsabilização de seus representantes por políticas públicas eficientes.

## Referências Bibliográficas

ALBAGI, S. **Divulgação científica**: informação científica para a cidadania?. Ci. Inf., Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404, set./dez. 1996. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/465/424>>. Acesso em: 16 jul 11.

BUENO, W.C. **Jornalismo científico, lobby e poder**. In: Dossiê “Difusão e divulgação: os desafios de jornalismo científico”. Revista Parcerias Estratégicas, n. 13. Dez. 2001. Disponível em: <[http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias\\_estrategicas/article/viewFile/194/188](http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/194/188)>. Acesso em 22 ago 11.

CALDAS, G. **Mídia, Ciência, Tecnologia e Sociedade**. O papel do jornalismo científico na formação da opinião pública. São Paulo, Revista Pesquisa Fapesp, dezembro de 2000.

EPSTEIN, I. **Quando um fato se transforma em notícia no jornalismo e na ciência**. Revista Comunicação & Sociedade – DossiêCiberativismo latino-americano. V. 28, n. 47, 2007.

MENEZES, M.B. **Fazer Jornalismo de Ciência e Tecnologia**: As publicações da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e a trajetória do Jornalismo Científico. 2011. 61p. Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo. Centro de Ciências Humanas e Sociais. UFMS, Campo Grande-MS.



MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. **Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação: 2012-2015.** Brasília, 2012. Disponível em: <[http://www.mct.gov.br/upd\\_blob/0218/218981.pdf](http://www.mct.gov.br/upd_blob/0218/218981.pdf)>. Acesso em 24 de março de 2012.

MOREIRA, I.C. **A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil.** In: Revista Inclusão Social, v.1, n.2. 2006. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/29/50>>. Acesso em 15 jul 11.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica.** São Paulo: Autores Associados, 2001.